



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB
Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO: PRÁTICAS INFORMACIONAIS QUE CONTRIBUEM AO SEU COMBATE

GENDER DISINFORMATION: INFORMATIONAL PRACTICES THAT CAN CONTRIBUTE TO THEIR COMBAT

Nicole Tirello Acquolini. UFRGS.

Rodrigo Silva Caxias de Sousa. UFRGS.

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Estudo que aborda o conceito de desinformação e suas variações terminológicas, desinformação de gênero como um tipo de violência contra as mulheres e práticas informacionais. Constitui-se em uma pesquisa aplicada, exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa e que apresenta resultados parciais a partir da análise de conteúdo de práticas informacionais em postagens de 04 perfis feministas do Instagram, demonstrando suas possibilidades rearticuladoras de premissas desinformativas quanto a questões sobre o gênero feminino.

Palavras-Chave: Desinformação de Gênero. Práticas Informacionais. Violência Contra Mulheres.

Abstract: Study that addresses the concept of disinformation and terminological variations, gender disinformation as a type of violence against women and informational practices. It is applied research, exploratory-descriptive, of qualitative approach and that presents partial results from the content analysis of informational practices in posts of 04 feminist profiles on Instagram, demonstrating its rearticulating possibilities of misinformative assumptions regarding issues about the feminine gender.

Keywords: Gender Disinformation. Information Practices. Violence Against Women.

1 INTRODUÇÃO

Estudo que se constitui na parte exploratória de uma dissertação de mestrado em fase de qualificação a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por intermédio de uma pesquisa bibliográfica, o texto aborda conceitos sobre desinformação e suas variações, desinformação de gênero e por fim práticas informacionais na *web*, que por sua vez, designadamente no Instagram, por meio de conteúdos informativos sobre feminismo e empoderamento feminino, podem desvelar latentemente desinformações de gênero, que quando exercidas perante o gênero feminino, são caracterizadas também como violências contra as mulheres (cis e trans).



Assim, diante da observação espontânea e da análise de conteúdo relativa a práticas informacionais identificadas em postagens de 04 (quatro) perfis no Instagram, emergiu-se 09 (nove) tópicos que dialogam com o mote da desinformação de gênero, no qual, consiste em um conjunto de ações de informação estruturadas de forma ilegítima e deturpada que incidem sobre determinados grupos sociais, com a intenção de acometer e prejudicar pessoas com base em seu gênero, buscando alcançar objetivos políticos, ideológicos, sociais ou econômicos.

Além de a temática ter se mostrado contemporânea no campo da Ciência da Informação, também se defende como uma pauta urgente em âmbito nacional, considerando que o país ocupa o 92º lugar no ranking da igualdade de gênero de acordo com o Fórum Econômico Mundial (CARVALHO, 2019). Portanto, definimos como objetivo geral da presente pesquisa apresentar relações conceituais com o termo desinformação de gênero.

2 DESENVOLVIMENTO

A desinformação se afigura como uma alarmante ocorrência mundial, que dentre suas variadas ações, gera impactos (negativos) diretos ou indiretos em diferentes esferas e atores. Alguns autores (MARRES, 2018; ANDERSEN; SØE, 2019; ANDERSON, 2020; CABAÑES, 2020) resgatam a possibilidade de que a desinformação seria o mal do século, capaz de danificar as formas de aquisição de conhecimento humano (LEVY, 2017). Suas consequências podem alcançar inclusive as competências cognitivas dos indivíduos (BROWN, 2019; MCKAY; TENOVE, 2020) e produzir vícios intelectuais (MEYER, 2019) que influenciam também em temas morais e éticos que transcorrem por nossa sociedade (abordaremos a frente).

De maneira geral, a desinformação de gênero abrange não só as atividades desinformativas quanto ao gênero feminino, mas também aos demais gêneros, atacando majoritariamente minorias sociais (grupos que se encontram em situação de desvantagem social), através de normatividades que regem aspectos morais, no qual, atualmente tem seu ápice a partir da explosão informacional das redes sociais. Concernente às questões referentes ao gênero feminino, a desinformação segue uma historicidade estruturada em um sistema social patriarcal habitualmente influenciado em premissas misóginas. E, como uma das profusas consequências disso, desponta um tipo de violência contra as mulheres, a desinformação de gênero (feminino). Logo, averiguar a amplitude e a configuração narrativa da desinformação



sobre o gênero feminino, possibilitará refletir (em outra etapa da pesquisa) as fragilidades morais vinculadas às informações falsas que incidem nesse contexto.

Deste modo, abordaremos a seguir, além destes termos já mencionados, definições sobre práticas informacionais, para posteriormente, trazer na seção de procedimentos metodológicos, apontamentos que concebem-se a partir de observações em postagens de perfis no Instagram, destacando que seus conteúdos informativos sobre feminismo e empoderamento feminino, contribuem de maneira influente e preventiva ao combate às desinformações quanto ao gênero feminino.

2.1 Desinformação: das variações terminológicas ao qualificador gênero

Com o propósito de dispor uma adequada compreensão do assunto, se faz necessário trazer variações conceituais em relação ao termo desinformação. Para caracterizar o ato de desinformar, um conceito bastante completo diz que:

Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade. (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3319).

Na língua inglesa são empregados dois termos que correspondem à noção de desinformação, sendo eles: *misinformation* e *disinformation*. Ambos significam informações falsas, entretanto, *misinformation* pode ser entendida como falsidade contingente e *disinformation* pode ser assimilada a falsidade intencional (STAHL, 2006), quando a informação é falseada propositalmente. Por sua vez, Karlova e Fisher (2013) compreendem *misinformation* como informação imprecisa e *disinformation* como informação enganosa, sendo as duas apontadas como subcategorias de informação, podendo conter algum tipo de informatividade¹ (em diferentes graus), mesmo que de maneira involuntária.

Merece destaque um tipo específico de desinformação, a desinformação sobre o qualificador gênero, onde se faz indispensável considerar a problematização do gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1999), e a estrutura moral no qual se situam certas normatividades que conduzem o gênero e a sexualidade, em que, a partir de convenções socioculturais, determinam normas e princípios morais que são constantemente

¹ O conceito de informatividade aponta ao fato de que a percepção de um texto depende do conhecimento de outros textos. (LARA, 2008).



disputados e reiterados, interferindo na constituição das identidades e expressões de indivíduos sexualizados e generificados. (BUTLER, 1990; LELO; CAMINHAS, 2021).

Em vista disso, considerando o pressuposto de que as desinformações ecoam valores morais, é ponderoso entender que as normas em torno de gênero também podem abarcar e figurar em histórias falsas acerca dessas temáticas. Quanto à desinformação sobre o gênero feminino, percebem-se essas sensibilidades morais acionadas por meio de histórias infundadas que foram enraizando-se em nossa estrutura social, especificamente quanto a questões com estereótipos de gênero e subestimação feminina, que atualmente, com a explosão informacional na *web* e a vigente onda conservadora mundial, vem sendo disseminadas em grande escala, debilitando a luta feminista e de equidade de gênero.

Consequentemente, consonante a estas disputas de poder mencionadas, a desinformação de gênero pode ser definida conforme o Relatório *Engendered Hate*:

Como tal, usamos "desinformação de gênero" como um termo guarda-chuva e apresentamos a seguinte definição: desinformação de gênero refere-se a atividades de informação (criação, compartilhamento, disseminação de conteúdo) que: Ataca ou prejudica as pessoas com base em seu gênero; Armam narrativas fraudulentas fundadas geralmente em estereótipos de gênero para promover objetivos políticos, sociais ou econômicos. (JUDSON *et al.*, 2020, tradução nossa).

Na esfera *online*, a desinformação de gênero existe na intersecção da desinformação com a violência *online* (que se manifesta através de espaços na *web*), revelando abusos e assédios, buscando impactar geralmente no nível político/público, embora também possa causar sérios danos em nível pessoal/privado. Basicamente ela consiste na conjunção de informações que carregam boatos e estereótipos com narrativas falsas, enganosas ou odiosas, muitas vezes em linguagem abusiva, apelando a juízos de valores que remetem às questões de gênero. (BELI, ZINGALES, CURZI, 2021). Ainda segundo os autores:

Desinformação de gênero é a disseminação de informações enganosas ou imprecisas contra mulheres líderes na política, jornalistas e figuras públicas femininas, seguindo linhas de história que se baseiam na misoginia, bem como estereótipos de gênero em torno do papel da mulher para minar suas percepções de sua participação em vida pública. (BELI; ZINGALES; CURZI, 2021, tradução nossa).

Isto posto, entende-se que a desinformação sobre o gênero feminino se configura também como uma grave forma de **violência contra a mulher** fundamentada na produção e disseminação de conteúdos informacionais deturpados e manipulados com o propósito de



prejudicá-las. Em síntese, a violência contra a mulher se transpõe como um lado perverso das relações de poder tomadas pela própria definição do conceito de gênero. Segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (BRASIL, 2011), documento estabelecido no Governo Dilma, este tipo de violência é uma manifestação que atinge todos os âmbitos de atuação das mulheres, e conforme Campos e Almeida (2017)

Carrega a marca distintiva da categoria social de gênero e assume formas diferenciadas, constituindo-se como toda ação ou conduta que cause não apenas o sofrimento ou dano físico à mulher, mas também psicológico, moral, patrimonial, sexual e inclusive danos causados por crime doloso, atos que se constituem como violações de direitos. (CAMPOS; ALMEIDA, 2017, p. 353).

Essas violações se fazem vigentes no cotidiano de distintas mulheres, independente de raça, orientação sexual, origem, idade, classe social, escolaridade e estado civil. Tendo em vista que a violência toma outras feições, alguns componentes começam a surgir como esforços explicativos para a dificuldade de que seus tipos sejam percebidos para além da violência física. (CAMPOS; ALMEIDA, 2017). Isso acontece devido à construção social de valores e comportamentos patriarcais que naturalizam as violências de gênero, e que mesmo de maneira constante, é marcada pela banalização, invisibilidade e aceitação cultural (SCHRAIBER *et al.*, 2009).

Para podermos averiguar as práticas informacionais dos perfis no Instagram que possivelmente expõem desinformações de gênero, é essencial contextualizar o assunto que será abordado no item a seguir.

2.2 Práticas informacionais

No campo de estudo de usuários, na década de 1990, um diferente enfoque foi se desenvolvendo: os estudos das práticas informacionais, ou seja, “[...] o estudo do movimento por meio do qual os indivíduos agem no mundo, conformados pela cultura, e ao mesmo tempo constituem essa cultura que os influencia e a realidade em que atuam.” (ARAÚJO, 2017, p. 21).

Em seu princípio, essa abordagem concentrava-se em estudos de usuários na vida cotidiana, ao contrário da vertente tradicional e alternativa. Subsequentemente, sua constituição transformou-se numa perspectiva que abarcava todas as categorias informacionais da vivência dos indivíduos. No qual, uma importante contribuição dessa vertente é a



compreensão de que não existe uma realidade externa independente dos sujeitos e seus atos, pois são os indivíduos, a partir de seus próprios atos que geram e renovam as regras e normas sociais. Além disso, estes estudos progrediram quanto ao entendimento da informação não como um processo vivenciado exclusivamente na perspectiva individual cognitiva, mas sim a partir de uma concepção informacional que englobe também processos de apropriação, imaginação e questionamentos concebidos a partir da construção social (ARAÚJO, 2017).

Isto é, conforme estas disposições, entende-se que a manutenção do *status quo* que abriga as práticas informacionais se dá através dos sujeitos e suas ações de informação dentro de uma comunidade ou meio social. Desta maneira, podemos refletir também em um sujeito do “conhecimento”, conforme suas práticas sociais, “[...] entendido como aquele que interage com outros sujeitos na construção da informação.” (FREIRE; AQUINO, 2000, p. 76). Este indivíduo do “conhecimento” é encarregado da recepção, transmissão, usabilidade, comunicação, geração, acessibilidade e socialização da informação. Enfim, todo o processo de cidadania que pode se fazer através do uso e acesso à informação (ARAÚJO, 2001).

Portanto, optou-se por executar o presente estudo através de práticas informacionais pois elas se constituem em ações de informação fundamentadas na produção, uso e compartilhamento de conteúdos influenciados pelas interações sociais; interações essas que se mostram presentes na *web*, e substancialmente no Instagram. Percebendo ações de informação executadas com eixos plurais e com diferentes intencionalidades, é possível observar estratégias de comunicação características da plataforma Instagram que se referem à adoção de “[...] uma linguagem informal, com textos, imagens e vídeos, visando uma fácil viralização, tendo por base uma ideia de comunicação humanizada.” (CARVALHO *et al.*, 2020, p. 3).

Os perfis no Instagram escolhidos para a análise, trazem uma diversidade de práticas informacionais que buscam rearticular as relações de poder referentes ao gênero feminino. Nesse sentido, eles passam a se constituir como manifestações que oportunizam a articulação entre diferentes atores sociais, possibilitando através de um conteúdo que rompe barreiras morais e estereótipos de gênero, maneiras de se combater e evitar as desinformações de gênero, percebidas através das violências contra as mulheres.



3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa aplicada, exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa que analisa 04 (quatro) perfis do Instagram que trazem questões relativas às ações e práticas informacionais sobre feminismo e empoderamento feminino buscando dialogar com as desinformações de gênero presentes em nossa sociedade. Os perfis foram selecionados conforme as inclinações da pesquisa e atenderam aos seguintes critérios: Iniciativa não institucional; número de seguidores - acima de 90 mil; regularidade de postagens (perfil ativo); temática geral - feminismo. São eles:

Quadro 1 - Perfis feministas no Instagram.

PERFIL	COMPOSIÇÃO	TOTAL DE POSTAGENS DISPONÍVEIS NOS PERFIS ENTRE 1 A 30 DE ABRIL DE 2022	SEGUIDORES ATÉ 30 DE ABRIL DE 2022
Think Olga ²	Categoria informada no perfil: Não informada. Descrição informada no perfil: Laboratório de inovação social que educa e cria soluções para a desigualdade de gênero. Combate à Violência, Economia do Cuidado.	6	91,7 mil seguidores
Arquivos Feministas ³	Categoria informada no perfil: Comunidade. Descrição informada no perfil: Plataforma de informação e formação feminista.	16	274 mil seguidores
Clara Fagundes ⁴	Categoria informada no perfil: Criadora de conteúdo digital. Descrição informada no perfil: Sergipana em SP, pesquisadora, futurologista e comunicóloga. Formada e pós-graduada na USP. - Feminismo	8	147 mil seguidores
Planeta Ella ⁵	Categoria informada no perfil: Não informada. Descrição informada no perfil: Rede Internacional de Feminismos.	30	269 mil seguidores

Fonte: Autores (2022)

Os 04 (quatro) perfis analisados trazem autodescrições relativas aos seus propósitos, e apenas 02 (dois) perfis apresentam em suas páginas informações sobre categorias pré-estabelecidas pela própria plataforma Instagram. Com o intuito de verificar apenas publicações recentes, o montante de postagens analisadas deu-se conforme o número de publicações de cada perfil durante o mês de Abril de 2022, totalizando 60 (sessenta) postagens entre os 4 (quatro) perfis.

² <https://www.instagram.com/think.olga/>

³ <https://www.instagram.com/arquivosfeministas/>

⁴ <https://www.instagram.com/clarafagundes/>

⁵ <https://www.instagram.com/planetaella/>



Após a coleta dos dados, identificou-se que das 60 (sessenta) postagens, 24 (vinte e quatro) não são conteúdos próprios criados pelas proprietárias dos perfis, mas sim conteúdos recompartilhados de outros perfis. Porém, devido serem assuntos pertinentes e com fontes comprovadas, decidiu-se por manter essas postagens nas análises.

As postagens agrupadas para análise constituem-se em publicações com imagens, fotos, desenhos em quadrinhos, problematizações, ilustrações, relatos, notícias e vídeos curtos. Todas com legendas que trazem textos informativos relativos ao assunto da postagem.

3.1 Resultados parciais

Posteriormente o processo se constituiu com a observação espontânea dos perfis e a partir da leitura flutuante das postagens (nos *feeds* de notícias) foi realizada a coleta sistemática do *corpus* durante o mês de Abril de 2022, através da inserção dos dados juntamente com *prints* das postagens em uma planilha Excel e um diário de campo.

Depois, realizou-se releituras em relação ao *corpus* de dados, permitindo a composição de 09 (nove) tópicos emergidos conforme a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) relativos ao *corpus* total de 60 (sessenta) postagens, sendo eles: violência contra a mulher; empoderamento feminino; representatividade do gênero feminino; mulheres indígenas; gordofobia; diversidade sexual; liberdade feminina; misoginia; machismo.

Perante esses tópicos abordados, que posteriormente serão categorizados para a conclusão do estudo, identificou-se inicialmente que a maioria das postagens expõem algum tipo de violência contra mulheres, assim identificadas: violência política contra mulheres, violência obstétrica, abuso sexual, feminicídio, violência contra mulheres indígenas, violência judicial contra mulheres e violência doméstica. Algumas dessas violências, como a judicial, política e contra mulheres indígenas, conforme o conteúdo apresentado nas postagens, têm suas raízes em desinformações quanto ao gênero feminino, pois abordam relatos de violências baseadas em estereótipos, difamação e deturpação de elementos.

Constatou-se também que os conteúdos informativos abordados nos perfis escolhidos, apesar de não sinalizarem explicitamente desinformações de gênero, atuam de maneira preventiva e influente na contribuição ao combate a desinformações quanto ao gênero feminino, pois demonstram bastante visibilidade e interatividade (via curtidas e comentários), expondo



relatos e trazendo notícias com fontes fidedignas sobre essa temática tão preocupante e urgente enraizada através de percepções morais em nossa sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentou resultados parciais de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mediante conceitos que constituíram o levantamento teórico aqui presente, juntamente com a observação espontânea e análise de conteúdo de práticas informacionais em perfis no Instagram, constatou-se até o momento que o termo desinformação de gênero (feminino) advindo da desinformação e constituído como um tipo de violência contra as mulheres, traz distintas possibilidades interpretativas quanto a sua gênese e seus fins.

Observou-se também o quanto esses perfis do Instagram que abordam seus conteúdos de maneira dinâmica e séria, se fazem necessários e potentes ao combate a esse tipo específico de desinformação, por vezes sutil, porém não menos prejudicial para ao avanço progressista e de equidade de gênero que carecemos em nossa sociedade. Em virtude dessas constatações, sugerimos estudos que possam contribuir acerca de discussões sobre o tema no âmbito da Ciência da Informação, preferivelmente no que se refere a regimes de ética da informação, assim como os limítrofes da moralidade social.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. Fake news is not a virus: On platforms and their effects. **Communication Theory**, [s. l.], v. 3, n.1, p. 42-61, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ct/qtaa008>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ANDERSEN, J.; SØE, S. Communicative actions we live by: The problem with fact-checking, tagging or flagging fake news: The case of Facebook. **European Journal of Communication**, [s. l.], v. 35, n.2, p. 126-139, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0267323119894489>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ARAÚJO, E. A. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não governamentais - ONGs brasileiras. **Informação e Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 31-54, jan./jun. 2001. DOI: 10.5433/1981-8920.2001v6n1p31. Acesso em: 13 maio 2021.

ARAÚJO, C. A. V. Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos. **RACIn - Revista Analisando em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 10-29, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/80719>. Acesso em: 13 maio 2021



BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELLI, L.; ZINGALES, N.; CURZI, Y. **Glossary of platform law and policy terms**. Rio de Janeiro: FGV, 2021. Disponível em:

https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/31365/0.%20MIOLO_Glossary%20of%20Platform%20Law_digital.pdf#page=148. Acesso em: 13 abr. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: Presidência da República/SPM, 2011. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>. Acesso em 18 abr. 2021.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: ANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>. Acesso em: 13 maio 2021.

BROWN, E. Propaganda, misinformation, and the epistemic value of democracy. **A Journal of Politics and Society**, [s. l.], v. 30, n. 3-4, p. 194-218, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08913811.2018.1575007>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and subversion of identity**. London: Routledge, 1990. Disponível em: http://lauragonzalez.com/TC/BUTLER_gender_trouble.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

CABAÑES, J. Digital disinformation and the imaginative dimension of communication. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, [s. l.], v. 97, n. 2, p. 435-452, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1077699020913799>. Acesso em 13 mar. 2022.

CAMPOS, M. L.; ALMEIDA, G. H. M. D. Violência contra a mulher: uma relação entre dimensões subjetivas e a produção de informação. **Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 15, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8645969/pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CARVALHO, M. Brasil sobe em ranking de igualdade de gênero, mas ainda ocupa a 92ª posição. **Estadão**. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3x7dSNq>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CARVALHO, L. M.; ARAUJO, G. M. de; WELZEL, V. M.; SILVA, L. H. da. Comunicação humanizada nas mídias sociais digitais das organizações jornalísticas: estratégias de combate à desinformação. In: ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER, 2020. **Anais** [...]. São Paulo: ABCiber, 2020. Disponível em:



<https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2020/paper/viewFile/1007/469>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FREIRE, B. M. J.; AQUINO, M. A. Ciência da Informação: buscando abrigo para um sujeito. **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 71-79, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1532/1506>. Acesso em: 13 maio 2021.

JUDSON, E.; ATAY, A.; KRASODOMSKI-JONES, A.; LASKO-SKINNER, R.; SMITH, J. **Engendering hate**: the contours of state-aligned gendered disinformation online. London: Demos, 2020. Disponível em: <https://demos.co.uk/wp-content/uploads/2020/10/Engendering-Hate-Report-FINAL.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2022.

KARLOVA, N. A.; FISHER, K. E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. **Information Research**, [s. l.], v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <http://informationr.net/ir/18-1/paper573.html#.Ybo0pb3MKyl>. Acesso em: 13 maio 2021.

LARA, M. L. L. G. Informação, informatividade e linguística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. **DataGramaZero**, [s. l.], v. 9, n. 6, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6550>. Acesso em: 20 maio. 2022.

LELO, T. V.; CAMINHAS, L. R. P. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. **MATRIZES**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/article/view/179801>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MARRES, N. Why we can't have our facts back. **Engaging Science, Technology, and Society**, [s. l.], v. 4, p. 423-443, 2018. Disponível em: <https://estsjournal.org/index.php/ests/article/view/188>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MCKAY, S.; TENOVE, C. Disinformation as a threat to deliberative democracy. **Political Research Quarterly**, [s. l.], v. 74, n. 3, p. 703-717, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1065912920938143>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MEYER, M. (2019). Fake news, conspiracy, and intellectual vice. **Social Epistemology Review and Reply Collective**, [s. l.], v. 8, n.10, p. 9-19. Disponível em: <https://wp.me/p1Bfg0-4tp>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 21 jan. 2022.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 14, n.4, p. 1019-1027, 2009. Disponível em:



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB
Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400009. Acesso em: 18 maio. 2022.

STAHL, B. C. On the difference or equality of information, misinformation, and disinformation: a critical research perspective. **Informing Science**, [s. l.], v. 9, p. 83- 96, 2006. Disponível em: <https://www.informingscience.org/Publications/473>. Acesso em: 13 maio. 2021.